

CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO

Joédson Alves/Agência Brasil



Para onde Gleisi conduzirá a articulação política?

Gleisi recebe apoio na teoria. Como será na prática?

As notas de apoio dos presidentes da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), e do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) à nomeação de Gleisi Hoffmann para a Secretaria de Relações Institucionais geram certo alívio na Esplanada dos Ministérios. Ficou claro que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fizera uma comunicação prévia. As notas saíram pratica-

mente ao mesmo tempo, e com mensagens muito parecidas, de desejo de sucesso. Na resposta, Gleisi prometeu "diálogo". Depois de um tempo em que a troca de farpas era um tirocínio crônico entre o ex-presidente da Câmara Arthur Lira (PP-AL) e o antecessor de Gleisi, Alexandre Padilha, pode ser um prenúncio de alívio. Mas é preciso, porém, agora verificar na prática.

Parado

Dizem que o ano no Brasil só começa quando o carnaval termina. Mas, desta vez, o Congresso exagera. Motta e Alcolumbre foram eleitos em 1º de fevereiro. O Congresso retornou há mais de um mês. No entanto, até agora, o Senado só fez uma sessão deliberativa.

Orçamento

O país vai para o terceiro mês de funcionamento sem o orçamento votado. Em princípio, fechou-se o acordo com o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Flávio Dino para a liberação das emendas. Mas há ainda problemas que podem empacar a questão orçamentária.

Antonio Cruz/Agência Brasil



Haddad e Gleisi agora: apoio ou "austericídio"?

O Congresso gostará do recado passado com Gleisi?

As razões que levaram Lula a optar por Gleisi passam por uma desconfiância que destacamos algumas vezes aqui no Correio Político. Depois do complicadíssimo ano em que Lula viu-se total refém do Centrão e de Arthur Lira, a reforma ministerial patinava na desconfiância do presidente. Devia abrir mais espaço em seu go-

verno para o Centrão sem ter a mínima garantia de que o Centrão de fato lhe emprestaria apoio? Lula explicitou isso na reunião ministerial que fez em janeiro, quando perguntou diretamente aos ministros não petistas se seus partidos estavam mesmo dispostos a ir com ele até o fim. Ninguém deu a ele tal garantia.

Curitiba

A entrada de Gleisi reforça, assim, a força que tem hoje a chamada "Turma de Curitiba" sobre Lula. Gleisi é mais uma no entorno de Lula do grupo que mais forte emprestou apoio e solidariedade a Lula na prisão. Mais um passo a afastá-lo da "Turma de São Bernardo".

Haddad

Uma das grandes incógnitas está relacionada ao ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e à agenda do governo nas relações com o Congresso pelos próximos meses. Essa agenda foi entregue no início da sessão legislativa. E ela é toda de Fernando Haddad.

Centrão

Se Lula, assim, opta por dar a articulação política a um nome do seu afeto e confiança, terá agora que conviver com a reação do Centrão. Gleisi dá a Lula mais confiança no seu entorno, mas o que, de fato, ela poderá entregar ao grupo que hoje domina o Congresso?

Agenda

Haddad apresentou ao Congresso uma agenda com 25 pontos. Que inclui a reforma tributária. Que, sem regulamentação, ainda é pouco mais que uma promessa. Na cozinha do Planalto, Gleisi agora ajudará? Ou continuará chamando Haddad de "austericida"?

Lula partiu para o tudo ou nada com Gleisi Hoffmann

Escolha de aliada é cartada para uma tentativa de virada

Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil

Por Rudolfo Lago

Quando estourou o escândalo do Mensalão na metade do primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, os partidos de oposição discutiram se deveriam apostar no impeachment do então presidente ou na evolução de um processo de desgaste que o deixasse sem condições de vencer a reeleição. Optaram pela segunda hipótese: desgastado, Lula ficaria sem condições de se manter competitivo. Passado o escândalo, Lula fez mudanças, conseguiu recuperar o seu governo e acabou reeleito em 2006, terminou seu segundo mandato como o presidente mais popular da história e elegeu Dilma Rousseff sua sucessora em 2010.

Após a Operação Lava Jato, a opção com relação a Lula, então, foi avançar sobre Lula na justiça. Ele acabou condenado e preso. Lula ficou preso por um ano e sete meses e não pôde disputar a eleição em 2018. Mais tarde, descobriu-se o conluio político entre o ex-juiz e hoje senador Sergio Moro (União Brasil-PR) e os procuradores em Curitiba. As condenações contra Lula foram anuladas, ele recuperou seus direitos políticos e pôde concorrer às eleições em 2022, derrotando o então presidente Jair Bolsonaro, que tentava a reeleição.

Assim, nos dois maiores momentos de crise política que sofreu, Lula viu seus opositores optarem por caminhos diferentes, e nas duas oportunidades ele conseguiu dar a volta por cima e virar o jogo. Para o cientista político André Cesar, os dois episódios permeiam a opção que Lula fez agora pela deputada federal e presidente do PT, Gleisi Hoffmann, para a Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República.

Aposta de risco

"Lula está fazendo uma aposta de risco", considera André. "Se der errado, ela não altera o quadro que já estava muito ruim para ele. Se



Falta de confiança no Centrão levou à opção por Gleisi

der certo, Lula poderá mais uma vez se valer da ideia de que é um gênio da política, com incrível capacidade de reinventar".

Segundo apurou o Correio da Manhã, Gleisi não era desde sempre a opção de Lula para as Relações Institucionais. Na verdade, o presidente cogitou fortemente levá-la para a Secretaria de Governo, no lugar de Márcio Macedo. A Secretaria de Governo cuida da interlocução com os movimentos sociais, e Gleisi poderia contribuir para fortalecer o governo junto à própria militância do PT.

No caso, Lula cedia à ideia de dar as Relações Institucionais, que faz a articulação política, para o Centrão. O cálculo superficial era óbvio. Se o Centrão hoje domina a correlação de forças no Congresso, natural que fizesse a articulação. O problema: Lula começou a desconfiar que nada obteria de vantagem caso entregasse o campo da articulação ao Centrão.

Centrão

Na reunião ministerial que fez no final de janeiro, Lula perguntou com todas as letras aos ministros não petistas se seus partidos estariam com ele até o final do governo. Só obteve respostas vagas. Na semana passada, o Correio da Ma-

nhã perguntou diretamente ao ministro do Turismo, Celso Sabino, do União Brasil, se seu partido pretendia estar com Lula até o final do governo. "Seria o caso de perguntar ao Gilberto Kassab se o PSD estará com Lula até o final do governo", foi a resposta de Sabino.

"Ficou claro para Lula que a cada rodada da negociação, o Centrão aumentava o valor do cacifê e nada entregava de concreto", avalia André Cesar. Um exemplo concreto de como os ministros não conseguem garantir apoio dos grupos conservadores aos quais estão ligados é Carlos Fávaro, do PSD, observa o cientista político. "Em vez de aproximar a bancada ruralista e o agronegócio do governo, o Fávaro é que está se afastando, brigando com os ruralistas".

Solução caseira

Tudo isso levou Lula, avalia André Cesar, a optar por uma solução caseira. Leva Gleisi, da chamada "Turma de Curitiba" (aqueles que mais se aproximaram e prestaram solidariedade e Lula no período da sua prisão na sede da Polícia Federal em Curitiba) para o seu entorno. Abre ainda espaço no comando do PT para outro nome da sua confiança, que é o ex-prefeito de Araraquara Edinho Silva.

Lula avalia Guilherme Boulos para a Secretaria-Geral

Paulo Pinto/Agência Brasil



Boulos pode ser a opção para a Secretaria-Geral

A nomeação de Gleisi Hoffmann (PT) para a articulação política acendeu o debate sobre o novo titular da Secretaria-Geral da Presidência, vaga para a qual a petista já esteve cotada. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) avalia o nome do deputado federal Guilherme Boulos (Psol-SP) para o cargo, caso deseje substituir Márcio Macêdo, também do PT.

De acordo com interlocutores do presidente, Lula já mencionou em conversas o nome de Boulos, seu candidato à Prefeitura de São Paulo no ano passado. Liderança do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), Boulos ocuparia a pasta responsável pela interlocução com movimentos sociais.

Aguerrido

Atual ocupante da função, Macêdo foi tesoureiro da campanha de Lula à presidência em 2022. Por seu perfil aguerrido, Boulos se enquadraria em um dos critérios que levaram à escolha de Gleisi para a Secretaria de Relações Institucionais: a disputa política.

Outro nome lembrado para a Secretaria-Geral é o do advogado Marco Aurélio Carvalho. Coordenador do grupo de advogados Prerrogativas, que é alinhado ao

governo, ele foi um dos defensores do presidente durante os processos da Operação Lava Jato. Seu nome foi cotado para a função durante a montagem do governo, em 2022. Como não seria candidato em 2026, poderia permanecer no cargo até o fim do governo.

A nomeação de Boulos, por sua vez, exigiria um xadrez partidário. O Psol já está à frente do Ministério de Povos Indígenas, com Sônia Guajajara, e auxiliares apontam que ocupar duas pastas não seria proporcional ao tamanho do partido.

Além disso, há hoje um seg-

mento do Psol que é mais crítico ao governo e defende um distanciamento do Palácio do Planalto. Uma das possibilidades aventadas seria a filiação de Boulos ao PT - algo para o que seus aliados vêm pressionando-o já há algum tempo.

Reforma

A mudança na Secretaria-Geral é uma das esperadas da reforma ministerial, que começou com duas trocas nas últimas semanas. A ministra Nísia Trindade foi substituída na Saúde por Alexandre Padilha (PT). Ele

comandava as Relações Institucionais, pasta da articulação política, que ficará sob o comando de Gleisi.

O nome da presidente do PT era um dos que circulavam para a Secretaria-Geral, assim como os dos deputados federais José Guimarães (PT-CE) ou Paulo Pimenta (PT-RS), que foi o secretário de Comunicação da Presidência, substituído pelo publicitário Sidônio Palmeira. Essa pasta não é alvo do Centrão, diferentemente da Secretaria das Relações Institucionais, para qual reivindicava um nome do MDB, do PP ou do Republicanos.

Em conversas, Lula chegou a dizer que considerava Boulos mais petista do que alguns filia-

dos ao PT. Boulos, durante a transição de governo, já havia sido cotado para assumir algum ministério, tendo feito parte do grupo de trabalho de Cidades. Mas isso não ocorreu, uma vez que ele já era à época pré-candidato à prefeitura.

Sob influência de Lula, o PT abriu mão de candidatura na maior cidade do país para apoiá-lo. Boulos chegou ao segundo turno, mas foi derrotado por Ricardo Nunes (MDB), reeleito com o apoio do bolsonarismo.

Catia Seabra e Marianna Holanda (Folhapress)